

## A CRIANÇA E SEU ENTORNO: PESQUISANDO A OBESIDADE NA INFÂNCIA

Renata Lisbôa Machado<sup>1</sup>  
 Maria Cristina Poli<sup>2</sup>

### RESUMO

Este trabalho objetiva problematizar a constituição psíquica do sujeito que porta a obesidade infantil. A opção metodológica seguida neste trabalho é a psicanálise, por ser uma prática específica que permite estudar a dinâmica das trocas emocionais que acompanham a relação de um ser humano com outro. A partir de verbalizações de 16 crianças e adolescentes, realizadas através da escuta clínica, além da aplicação de um questionário de *anamnese*, destacamos a importância de se pensar o sujeito da obesidade infantil no *a posteriori* da experiência de uma jovem pesquisadora. A partir dos dados levantados, conclui-se que as crianças e adolescentes evidenciam um empobrecimento de experiências, e um padecimento psíquico. O estudo mostra a importância de se investir neste campo de atuação do psicanalista e do pesquisador em psicanálise, bem como da interlocução com as outras áreas do saber envolvidas na assistência a este público.

**Palavras-chave:** Obesidade infantil, família, psicanálise.

## THE CHILD AND HIS/HER SURROUNDINGS: RESEARCHING ABOUT CHILD OBESITY

### ABSTRACT

The objective of the present research is to explore the psychological constitution of the obese subjects. We adopted the psychoanalytical method to conduct our evaluation because it contributes actively to the understanding of the dynamic interaction between two human beings. We have listened to the narratives of 16 obese infants and teenagers obtained from clinical interviews, besides the application of an *anamnese* questionnaire. Based on that material we emphasize the necessity of reflecting upon the subject of child obesity during the *a posteriori* of the conduction of a young researcher experiment. Analyzing the collected data we conclude the obese children and adolescents present a decrease in the quality of their experiences and, therefore, psychic suffering. This research demonstrates the importance of investing in that field of work for psychoanalysts and for psychoanalysis researchers, as well as creating the possibility of dialoguing with other areas of knowledge involved with that public.

**Keywords:** Child obesity, family, psychoanalysis.

---

<sup>1</sup> Psicóloga Especialista em Cardiologia pelo Programa de Residência Integrada em Saúde: Cardiologia, do ICFUC/RS. Mestre em Psicologia Social e Institucional - UFRGS. Pós-Graduanda do Curso de Formação em Psicoterapia de Orientação Psicanalítica – Instituto de Terapias Integradas de Porto Alegre – ITIPOA.

<sup>2</sup> Psicanalista, membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre. Doutora em Psicologia pela Universidade de Paris 13 e pós-doutora pelo Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica da UFRJ. Coordenadora, junto com Edson de Sousa, do Laboratório de Pesquisa em Psicanálise, Arte e Política - LAPPAP. Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da UFRGS. Pesquisadora do CNPq.

## Introdução

O desejo de realizar uma pesquisa sobre a obesidade infantil se produziu ao longo da experiência como residente de um Programa de Residência Multiprofissional em Saúde na área de Cardiologia e se estendeu até o período do mestrado acadêmico. O percurso por esse processo de experimentação se caracterizou pelo contato com diversas áreas do conhecimento que se ocupam da lide com os problemas cardiológicos. Entretanto, ao nos depararmos com os estudos sobre a obesidade infantil e a prevenção de doenças cardiovasculares na infância e na adolescência identificamos, aí, um campo a ser explorado e investigado.

Ao observar as configurações subjetivas que se produziam e eram engendradas neste tempo do ciclo vital, ou seja, o tempo da infância e da adolescência, é que foi possível compreender quão importante seria desenvolver estudos sobre este tema. Além disso, nos artigos que foram consultados acerca da obesidade na infância e na adolescência, muito pouco se encontrou de dados que falassem sobre a abordagem psicológica (Luft, 2004B; Balaban & Silva, 2004; Giugliano & Carneiro, 2004).

Entre os fatores ambientais causadores da obesidade aparecem o sedentarismo e os hábitos alimentares inadequados (Balaban, G.; Motta, M. E. de A.; & Silva, G. A. P., 2005). Contudo, praticamente não existiam artigos que investigassem a intervenção psicológica e psicanalítica. Vislumbramos, nesta lacuna, um campo fértil para o desenvolvimento de pesquisas com este enfoque.

De acordo com estudos atuais (Luft, 2004A; Carneiro, E. C.; & Giugliano, R., 2004), a obesidade é um traço complexo e multifatorial que envolve a interação de influências metabólicas, fisiológicas, comportamentais e sociais. Entre os fatores ambientais, podem-se citar hábitos alimentares inadequados e o sedentarismo (Luft, V. C.; Mello, E. D. de; & Meyer, F., 2004A).

Estes dados, indicados pelas pesquisas desenvolvidas, sugerem que a obesidade infantil está relacionada com aspectos sociais e familiares importantes (Balaban, 2004; Silva, 2004). Podemos, portanto, avaliar o impacto das mudanças que, nos dias atuais, podem ser observadas no modo de vida das crianças e dos adolescentes. As transformações relacionadas ao fenômeno da obesidade infantil se manifestam, sobretudo, em relação ao distanciamento do brincar, que se caracteriza como uma atividade eminentemente social. Tal aspecto é igualmente destacado em estudo sobre a intervenção psicológica associada à obesidade infantil (Machado et al., 2005).

Sendo assim, este trabalho tem por objetivo apresentar alguns interrogantes para problematizar a obesidade infantil como uma produção subjetiva das crianças e dos adolescentes, fundamentado num enfoque tanto clínico quanto social. Conceber essa produção pressupõe a consideração da expressão narrativa desses sujeitos a partir do campo da psicanálise.

Nesse sentido, nossa ousadia em deslindar a obesidade na infância caracteriza-se por propormos pensá-la em sua articulação com linhas de força que constituem o sujeito que padece. Entre construções e sintomas (Freud, 1926), entre inibição e angústia (Freud, 1932-1936), entre compulsão e repetição (Gondar, 2001; Marucco, 2007), entendemos que a tessitura desses conceitos importantes à psicanálise podem enriquecer o entendimento da

obesidade infantil por uma via de criatividade, para se ter uma leitura aberta, dinâmica e fluida acerca do tema.

### **Relações entre Infância, Obesidade e Psicanálise**

Conforme estudos desenvolvidos por Correa (2003), a criança, desde sua vinda ao mundo, é requerida a compartilhar os enunciados dos ancestrais, assegurando a continuidade geracional e a identidade familiar. Algumas vezes isso se dá ao custo da sua integridade psíquica e até mesmo somática, já que estes enunciados poderão contradizer suas próprias percepções, tanto do seu mundo interno como das experiências estabelecidas com as pessoas de seu convívio.

Para Sarti (2004), toda a experiência individual se inscreve num campo de significações coletivamente elaborado. As experiências vividas pelos indivíduos, seu modo de ser, de sentir ou de agir serão constitutivamente referidos à sociedade a qual pertencem. Ainda que traduzido e apreendido subjetivamente, o significado de toda experiência humana é sempre elaborado histórica e culturalmente, sendo transmitido pela socialização, iniciada ao nascer e renovada ao longo da vida.

Com isso, pretendemos enfatizar que essa transmissão psíquica vai sendo incorporada na subjetividade dos filhos, a partir da subjetividade dos pais. E neste caso especialmente, há uma introjeção do “ser gordo” pelas crianças e pelos adolescentes. Existe, portanto, uma fidelidade inconsciente ao inconsciente parental que, caso seja quebrada, poderá ser sentida como uma “traição” também inconsciente pelos pais (Machado et. al., 2005).

### **Método**

A opção metodológica que seguimos em nosso trabalho é a psicanálise, uma vez que, de acordo com Dolto (1988), essa é, hoje em dia, uma prática específica que permite estudar a dinâmica das trocas emocionais que acompanham a relação de um ser humano com outro.

Vale salientar, no entanto, que o método de pesquisa em psicanálise não se confunde com o uso de um determinado instrumento ou técnica de produção de conhecimentos. A experiência psicanalítica se pauta pela inclusão primeira do desejo do pesquisador na constituição do enigma que seu trabalho busca desvelar (Poli, 2006). Trata-se, então, de uma pesquisa qualitativa que se sustenta na psicanálise como método de investigação dos processos psíquicos (Sauret, 2003).

Segundo Silva (1996, p. 87), a psicanálise se sustenta como método de pesquisa: “(...) sempre que há interpretação das forças subjacentes a uma experiência humana, ou seu produto, quer ela se apresente como uma relação entre pessoas, ou como uma reação individual com qualquer coisa produzida pela mente humana”.

Portanto, os procedimentos da pesquisa foram realizados através da escuta de 16 crianças e adolescentes com obesidade e/ou sobrepeso, entre 5 e 16 anos, no período da Residência Integrada em Saúde: Cardiologia (2005/2007), através da escuta clínica realizada em um setting. O tempo de escuta dessas crianças e desses adolescentes durava em torno de 45 minutos. Os participantes foram escolhidos por atenderem aos critérios de

sobrepeso e obesidade, determinados pelo IMC (índice de massa corporal), além de terem sido encaminhados para a residente de psicologia em virtude de apresentarem algum padecimento psíquico observado pela equipe da nutrição, da medicina e/ou da educação física. A coleta de dados contemplou o registro e armazenamento das informações obtidas através de questionário, além da escuta clínica desses participantes durante um período de 12 meses em média.

O primeiro encontro constava de uma aplicação de questionário com o objetivo de conhecer a história de vida desses sujeitos, destacando-se um aspecto fundamental: o estilo de vida que levavam para se ter uma maior compreensão da condição clínica e emocional relacionada à obesidade ou ao sobrepeso. Além disso, os cuidadores e/ou responsáveis assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido autorizando a realização do trabalho.

Após o primeiro encontro e através da avaliação realizada por meio de entrevistas clínicas baseadas no método psicanalítico, os participantes eram encaminhados para o acompanhamento através da escuta clínica. Em função de se tratar de um ambulatório e pela demanda dos atendimentos terem um fluxo elevado, os atendimentos eram feitos com uma periodicidade semanal e/ou quinzenal.

Merece destaque o fato de que todos os preceitos éticos e legais foram respeitados, mantendo em sigilo a identidade dos participantes. A pesquisa foi autorizada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da instituição onde foi realizada.

A análise de dados qualitativos foi feita através da descrição das respostas dadas pelas crianças e pelos adolescentes e da decorrente reflexão e problematização das respostas, articulando-as aos referenciais teórico-metodológicos da pesquisa. Tais dados foram pensados e sistematizados no percurso inicial do mestrado, considerando o a posteriori da experiência e da necessidade de se aprofundar teórica e metodologicamente o objeto de estudo em questão.

### **Desdobramentos do Estudo**

Retomando o percurso de escuta das crianças e adolescentes com obesidade infantil, é oportuno dizer que o mesmo foi descortinando um desenho vincular que situava um empobrecimento da própria vida das crianças e dos laços não tecidos com a cidade, com os amigos e, por extensão, com os espaços (possíveis) não-habitados por elas. O que ficou evidente, a partir dos dados levantados, é que essas crianças e esses adolescentes apresentavam um empobrecimento de suas experiências e uma vivência do brincar pouco explorada.

Isto podia ser percebido, sobretudo, nos discursos que mostravam uma escassez ou quase inexistência de atividades de lazer. A título de ilustração, trazemos algumas dessas verbalizações: *“Fico em casa. A gente vê TV.”* *“Não fazemos nada”.* *“Às vezes, vou visitar minha dinda”.* *“Minha mãe não deixa eu ir ao estádio porque diz que é muito perigoso”.* Percebia-se, então, o aspecto da raridade dos passeios, da não-vivência no espaço público, e reiterava-se a característica da reclusão. Por conseguinte, tratavam-se de crianças e adolescentes que, em sua maioria, desconheciam espaços da cidade, como por exemplo: a Casa de Cultura Mario Quintana, o Santander Cultural, o Memorial do RS, o Planetário,

entre tantos outros. São famílias que, via de regra, estabeleciam suas relações dentro do universo “finito e restrito” da casa, da vizinhança, do videogame e da televisão.

Assim, o ponto de interrogação crescia e se mantinha aceso como questionamento à configuração do arranjo familiar, colocando em questão os hábitos e as rotinas desse grupo. Tal arranjo trazia como linhas de força a ausência de entusiasmo, de encantamento e de enriquecimento de experiências afetivas que não ocorriam no núcleo familiar, nem tampouco em seus arredores.

Além disso, essas crianças e esses adolescentes expressavam estarem “amarrados” fortemente às suas mães, sem conseguir delas se separar. As tentativas, quando surgiam, sobretudo por parte dos adolescentes, esbarravam sempre em muito rechaço e proibição maternas. Como expressa Maria<sup>3</sup>, 13 anos: *“Eu quero sair com as minhas amigas, mas minha mãe não deixa. E quando eu saio, ela liga muitas vezes, sem parar, ao meu celular. E quando estou em casa, ela mexe no meu celular e fica lendo todas as minhas mensagens”*.

### **Problematizações em Torno da Obesidade Infantil**

Como propõe Kristeva (2007):

[...] a psicanálise vale-se da vida do ser falante. Consolidando e explorando sua vida psíquica. Você está vivo se – e somente se – tiver uma vida psíquica. Intolerável, dolorosa, mortífera ou jubilatória, esta vida psíquica – que combina sistemas de representações transversais à linguagem – lhe dá acesso ao corpo e aos outros... sua vida psíquica é um discurso em ato, nocivo ou salvador, cujo sujeito é você (Kristeva, 2007, p.12).

Tendo como referência a psicanálise, destacamos a importância de considerarmos o modo pelo qual se dá a circulação da palavra. Conceber a palavra como aquilo que faz elo. Palavra que circula e que produz uma circulação libidinal, dos investimentos libidinais.

Segundo Maria Rita Kehl (1998):

Esta narrativa deve dar lugar, ao longo de uma análise, a um outro enredo: este, o analisando vai escrever sozinho, tendo como primeiro interlocutor (leitor?) seu analista. A direção de uma cura, tomando emprestada a expressão de Lacan, passa não por uma modificação da estrutura da linguagem que o sujeito habita, mas certamente por uma modificação de suas práticas falantes. Dominar (relativamente) nossas práticas languageiras, em vez de sermos inteiramente alienados a elas, eis uma possibilidade de cura vislumbrada pela psicanálise (Kehl, 1998, p. 34).

Tais referências situam um modo de estudar o laço do sujeito com a cultura e seus efeitos daí decorrentes. Poder identificar de que lugar o sujeito “é falado”, convoca-nos a uma forma de pesquisar que inclua, necessariamente, qual compreensão de sujeito se tem.

---

<sup>3</sup> Todos os nomes apresentados ao longo do texto são fictícios.

Para Dias (2009), a psicanálise desde os primórdios, ensina-nos que nos constituímos como sujeitos em uma relação de alteridade com o outro; logo, pensar o sujeito na contemporaneidade implica levar em conta as especificidades do laço social que nos une.

Em se tratando do tema da obesidade infantil, é necessário compreendê-lo articulado ao âmbito do social. É nesse “nó” entre o que se produz no singular e no coletivo que se abre um espaço para pensar os vetores que configuram a construção subjetiva dessas crianças e desses adolescentes. Neste sentido, a vivência da residência convocou-nos a construir um espaço no a posteriori da experiência que o mestrado acadêmico proporcionou, para que uma outra escuta fosse possível.

De acordo com Garcia-Roza (2004), a palavra é o que opera a transmissão do desejo e, em termos psicanalíticos o que importa não é sua função de informação, mas sua função de verdade. Desse modo, é na regência de leis próprias que o inconsciente ordena que o sujeito possa aparecer, no seu equívoco, no seu lapso, no seu vacilo. Todavia, isso não é sem dificuldade, sem trabalho e sem experiência.

Por essa razão, compartilhamos com Kehl (2002) da idéia de que a produção de sentido para a existência representa um ato coletivo, uma tarefa da cultura, da qual, como ela diz, cada sujeito participa com seu grão de invenção. É uma tarefa simbólica, que se dá por meio da produção de discursos e de narrativas sobre o que a vida é ou o que a vida deve ser.

Ao lançar mão de um questionamento sobre uma versão da psicanálise propriamente analítica para leigos, Kehl (2002) situa-a como sendo uma prática da dúvida, e não da certeza, colocando a psicanálise como prática que convoca a palavra a trabalhar, tentando escutar os efeitos que ela produz, inclusive no campo social.

Com efeito, uma de nossas interrogações movimenta-se no sentido de problematizar a obesidade infantil como uma expressão escrita do corpo. Como uma escrita corporal. Ao percebermos que algo de um registro não faz lugar consistente, no sentido de que há necessariamente em jogo a noção de um reabastecimento constante – pela via do comer excessivo - sugerindo a idéia de um “saco sem fundo”, ou de alguma coisa que “não faz reserva”, cogitamos que deva acontecer algo que fica obstaculizando o registro que liga fome ao afeto, à saciedade, ao prazer e à segurança. Nessa obstaculização, a comida entra como adição, como evitamento do encontro com a falta. E também traz conseqüências na vida e no cotidiano dessas crianças que são ridas, gozadas pelos seus pares. Como disse um menino com sobrepeso: *“Um colega meu me disse uma coisa na escola que eu não gostei. Que o chão treme quando eu passo” (sic).*

Nessa mesma linha de pensamento, trazemos ao diálogo a referência de Coriat (1997), especificamente no que trata de sua contribuição à metáfora dos possíveis papéis em que se inscrevem o desejo das crianças e de como elas escrevem a sua história a partir de uma herança parental e mítica.

Em que papel, portanto, está inscrita a história e a narrativa das crianças e dos adolescentes obesos? Coriat (1997) nos dá uma pista, ao perguntar do que está feito o papel, considerando que tomemos a superfície corporal como papel.

Existe um grupo, em que o caráter deste papel se mostra, por diversos motivos, mais difícil de escrever. Esse pode apresentar uma superfície rugosa que não permite à caneta deslizar facilmente, podendo estar entrecortado. Assim, pode-se fazer necessário remarcar variadas vezes a mesma letra para que seja possível chegar a lê-la (Coriat, 1997). Este segundo grupo nos faz pensar numa “superfície corporal” da criança e do adolescente com obesidade, em que a necessidade da comida em excesso parece fazer lugar a algo que fica

difícil de fazer registro. Por isso a idéia do “saco sem fundo”..

Nossa proposta é usar o exemplo como condição de inspiração e de certa criatividade, a fim de ampliar as possibilidades de entendimento da questão e tentar dar um matiz mais interessante à problematização.

Segundo as circunstâncias, com certo esforço da parte de quem escreve, é possível chegar a obter um resultado tão legível quanto no caso anterior; outras vezes, com o mesmo esforço também se consegue escrever o que se quer, mas resulta menos nítido: é possível chegar a ler o que está escrito, mas não salta à vista, é preciso um pouco mais de tempo para lê-lo (Coriat, 1997, p. 154).

Essa questão nos leva a considerar a relação analista-analisando e os processos de “inscrição” que se fazem acontecer no corpo, numa certa escrita pulsional, a partir da experiência de análise, sobretudo no que concerne a um encontro analítico que circunscreve o prisma da obesidade na infância. Por essa razão, o acompanhamento e a escuta feita a esse grupo poderá favorecer a inscrição de novas narrativa, quem sabe mais criativas. Neste caso, o menino que escutou de seus colegas que o chão treme, poderá dar um outro destino para isso , com o grão de criatividade que lhe couber.

### **Observações Finais**

Para Barthes (1990), a corporalidade do falar, da voz, situa-se na articulação entre o corpo e o discurso. Segundo ele, é nesse intervalo que o movimento de vaivém da escuta pode se realizar. Toda nomeação, assim como tudo aquilo que se reconhece como participando da seara humana, só se consuma quando encontra o endereço de uma escuta em que uma história pode aportar – podemos dizer, ser escrita; endereço de uma escuta que a reconhece como legítima no sistema simbólico compartilhado pelos habitantes de uma organização social (Rickes, 2007). O objetivo, portanto, da psicanálise, consiste em reconstruir a história de alguém em sua palavra.

Ouvir a palavra de maneira a torná-la novamente vida: esta poderia ser também uma definição do que visa realizar um processo psicanalítico. A associação livre faz da palavra a ocasião de uma interpretação, já que, desde a invenção do inconsciente, entre a palavra e o sujeito não pode mais haver coincidência e familiaridade, mas estranheza, incômodo, desconhecimento... Devemos buscar a nós mesmos nos vãos das palavras, então, e reinventá-las um tanto para que nelas possamos surgir, relidos, mas sempre fonte de novas palavras, novas leituras. A interpretação psicanalítica visa não a produção de um sentido em uma explicação que fixa o sujeito, mas a produção de novas palavras em um estranhamento do sujeito (Rivera, 2005, p. 9).

Por fim, as verbalizações elencadas no texto mostram, ainda que brevemente, a importância de se pensar o sujeito da obesidade infantil e o quanto precocemente se constata um sofrimento psíquico significativo vivido e sentido por essas crianças e por esses adolescentes. Quem são eles e quais são os seus padecimentos, bem como o modo

que se configura o seu entorno – social, clínico e familiar – consiste em um desafio para os pesquisadores em psicologia e em psicanálise. Tornar aberto um espaço de escuta e de testemunho desse padecimento já é um indicador importante de que há a condição de uma escuta que tem endereçamento.

Além disso, dar mobilidade a nossas interrogações demonstra ser fundamental para criar espaços de interlocução com as áreas de conhecimento, dentre elas a medicina, que se detém a pesquisar e a assistir às crianças obesas, aos adolescentes obesos e às suas famílias.

Assim, é possível identificar a obesidade pela via do sintoma, da inibição, da angústia, da compulsão à repetição, do desamparo, do empobrecimento da experiência e, conseqüentemente, de práticas discursivas empobrecidas, de uma escassez do brincar e de pouca criatividade.

Encontrar a solução para essa equação não se trata do nosso objetivo, mas o vislumbramos nas pistas, nas tentativas desse encontro, nessa busca, nesse desejo de construção de entendimento que tenha uma inteligibilidade, uma factibilidade, e que possa produzir sentido.

Identificamos que existem essas vias polissêmicas de expressão da obesidade na infância, e muitas outras que ainda nos são desconhecidas. Apenas deixamos registradas as nossas pegadas, a reflexão de que achamos algo precioso que pendula entre a falta e o excesso, pois é justamente nesse intervalo que tentamos bordar algo de genuíno e enriquecedor. Um bordado<sup>4</sup> que tem na sua marca o desenho da intimidade, visto que o pesquisador em psicanálise – nos parece, necessariamente precisa construir uma intimidade com seu objeto de estudo.

### Referências Bibliográficas

Balaban, G.; Motta, M. E. De A; & Silva, G. A. P. (2005). Prevalência de sobrepeso e obesidade em crianças e adolescentes de diferentes condições socioeconômicas. [Versão eletrônica] *Rev. Bras. Saude Mater. Infant.* 5 (1) p.53-59. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-38292005000100007&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-38292005000100007&lng=pt&nrm=iso)>. [14/02/2006].

Balaban, G.; & Silva, G. A. P. (2004) Efeito protetor do aleitamento materno contra a obesidade infantil. [Versão eletrônica] *J. Pediatr.* 80 (1), 7-16. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0021-75572004000100004&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0021-75572004000100004&lng=pt&nrm=iso)>.[09/02/2006].

Barthes, R. (1990). *O óbvio e o obtuso*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

---

<sup>4</sup> Bordado é um significante que é usado pela autora deste trabalho e diz respeito à experiência de ter participado de uma atividade científica proposta pelo Instituto de Terapias Integradas de Porto Alegre, organizada pelo Núcleo de Bebês da mesma instituição. Tal atividade versou sobre a exibição de um filme francês chamado “As bordadeiras” (que não foi distribuído em circuito nacional nem comercial), em que a história se desenvolve em torno de duas mulheres e da construção da maternidade. Uma jovem grávida é acolhida por uma mulher bordadeira talentosa e as duas ao tecer e bordar vão vivendo uma experiência de relação em torno da maternidade. Após o filme, a discussão trouxe uma série de relatos interessantes sobre a relação entre a formação dos terapeutas e a vivência da maternidade.

- Carneiro, E. C.; & Giugliano, R. (2004). Fatores associados à obesidade em escolares. [Versão eletrônica]. *J. Pediatr.*, 80 (1), 17-22. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0021-75572004000100005&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0021-75572004000100005&lng=pt&nrm=iso)> [14/02/2006].
- Coriat, E. (1997). *A psicanálise na clínica de bebês e crianças pequenas*. Porto Alegre: Artes e Ofícios.
- Correa, O. B. R. (2003) Transmissão psíquica entre as gerações. [Versão eletrônica]. *Psicol. USP.14* (3),35-45. Retrieved in from: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-65642003000300004&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642003000300004&lng=pt&nrm=iso)>. [20/02/2006].
- Dias, M. H. (2009). *Esporte de alto rendimento: reflexões sobre a Psicanálise e a Utopia*. Dissertação de Mestrado. Publicação eletrônica. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 96 p.
- Dolto, F.; HAMMAD, N. (1998). *Destinos de crianças: adoção, famílias de acolhimento, trabalho social*. São Paulo: Martins Fontes.
- Freud, S. (1917-1919/1996). O estranho. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XVII). Rio de Janeiro: Imago.
- \_\_\_\_\_. Psicologia das massas e análise do eu. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. VII). Rio de Janeiro: Imago.
- \_\_\_\_\_. (1926/1996). Inibições, Sintomas e Angústia. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XX). Rio de Janeiro: Imago.
- \_\_\_\_\_. (1926/1996). Inibições, Sintomas e Angústia. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XX). Rio de Janeiro: Imago.
- \_\_\_\_\_. (1932-1936/1996). Conferência XXXII. Angústia e vida pulsional. In: Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XXII). Rio de Janeiro: Imago.
- Garcia-Roza, L.A. (2004). *A interpretação dos sonhos, 1900. (Introdução à metapsicologia freudiana; v.2)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Gondar, j. (2001). Sobre as compulsões e o dispositivo psicanalítico. *Àgora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 4 (2). Rio de Janeiro. Jul/Dez 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acessado em 18/06/2008.
- Kehl, M.R. (1998). *Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade*. Rio de Janeiro, Imago.

- \_\_\_\_\_. (2002). *Sobre ética e psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Kristeva, J. (2002). *As novas doenças da alma*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Luft, V. C.; Mello, E. D. de; & Meyer, F. (2004A) Atendimento ambulatorial individualizado versus programa de educação em grupo: qual oferece mais mudança de hábitos alimentares e de atividade física em crianças obesas? [Versão eletrônica] *J. Pediatr.*, 80 (6), 468-474. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0021-75572004000800008&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0021-75572004000800008&lng=pt&nrm=iso)>. [09/02/2006].
- Luft, V. C.; Mello, E. D. De; & Meyer, F. (2004B). Obesidade infantil: como podemos ser eficazes? [Versão eletrônica] *J. Pediatr.*, 80 (3), 173-182. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0021-75572004000400004&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0021-75572004000400004&lng=pt&nrm=iso)>. [09/02/2006].
- Machado, R. L. & Pellanda, L. C.; Viguera, E. R. S. Et Al. (2005) Obesidade infantil e prevenção de cardiopatia isquêmica: contribuições da intervenção psicológica. [Versão eletrônica]. *Rev. Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar*, 8 (2), 25-49. Disponível em: <[http://scielo.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-08582005000200004&lng=en&nrm=iso](http://scielo.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582005000200004&lng=en&nrm=iso)>. [01/12/2006].
- Marucco, N. (2007). Entre a recordação e o destino: a repetição. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 41 (1). São Paulo. Março 2007. Disponível em <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo>. Acessado em 22/07/2008.
- Poli, M. C. (2006). Pesquisa em psicanálise. In: Blanca Susana Guevara Werlang; Margareth da Silva Oliveira. (Org.). *Temas em psicologia clínica*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006, v. p. 209-212.
- Rickes, S.M. (2007). Entre a sujeição e o domínio, vibra a posição sujeito: reverberações éticas de uma concepção do sujeito como lugar enunciativo. *Psicol. Soc.*, 19 (2), 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822007000200003&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822007000200003&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 29 Abr 2008. doi: 10.1590/S0102-71822007000200003.
- Rivera, T. (2005). *Guimarães Rosa e a psicanálise; ensaios sobre imagem e escrita*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Sauret, M. J. A (2003) Pesquisa Clínica em Psicanálise. [Versão eletrônica]. *Psicol. USP*. 14 (3), 89-104. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-65642003000300009&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642003000300009&lng=pt&nrm=iso)>. [21/11/2006].
- Sarti, C. A. (2004). A família como ordem simbólica. [Versão eletrônica]. *Psicol. USP*. 15 (3), 11-28. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-65642004000200002&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642004000200002&lng=pt&nrm=iso)>. [15/02/2006].

Silva, M. E. L. (1996). Natureza e delimitação da pesquisa psicanalítica. In: *Coletânea de textos referentes a textos discutidos no VI Simpósio de Pesquisa e Intercâmbio Científico da ANPEPP*. Belo Horizonte, SEGRAC, p.85-91.

Winnicott D. W. (1945/1988). Desenvolvimento Emocional Primitivo. In: *Da Pediatria à Psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

**Endereço para correspondência:**

Renata Lisbôa Machado  
Rua Florêncio Ygartua, nº 69, sala 303.  
Moinhos de Vento  
Porto Alegre-RS  
CEP 90430-010  
E-mail: [relisboa7@hotmail.com](mailto:relisboa7@hotmail.com)

Recebido em: 06/12/2009.

Aceito para publicação em: 24/05/2010.